

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

SEMPRE NA MESMA

A obra de instalação do «Museu Alberto Sampaio» não deve paralisar, mas exija-se do sr. Alfredo Guimarães as responsabilidades do dinheiro ali gasto e dos crimes de lesa-arte que praticou

Em o nosso penúltimo número focamos ligeiramente todo o desejo que temos em ver continuadas as obras de instalação do «Museu Alberto Sampaio» e apontamos erros de técnica e de contabilidade.

Porém, hoje, alargar-nos-hemos mais em considerações e este despretençioso artigo será um apêlo que dirigimos ao ilustre architecto, sr. Baltazar de Castro, dignissimo director dos Monumentos Nacionais, nesta virante região do Norte.

Fá-lo-hemos com todo o ardor que nos advém da verdade, e, se por vezes fomos impulsivos, que nos desculpe S. Ex.ª esta paixão ardente de bem querer servir a nossa terra, arrancando das unhas rapaces dum venal «empreiteiro» o *bólo* que não soube cozer e para o qual gastou, desperdiçadamente, sacos de farinha sem conta.

E' que nos doi ao coração a basbaquice do povo inculto perante o vigário dum *restaurador* que tem sido uma vergonha, e não podemos consentir que a ignorância ganhe fóros de talento, quando é certo que ela é simplesmente uma audácia e um atrevimento que merece castigo, para desagravo dos verdadeiros artistas.

AS CONTAS DE SACO

Dissemos já das *contas de sacco* que o *insigne* nefelibata tem operado, e, até prova em contrário, não nos convencemos da regularidade dessas contas nem tão pouco das «retiradas»... clandestinas que têm sido feitas pelo pseudo-director, do seu próprio bolso.

Imputamos-lhe, pois, a responsabilidade de administrar sem parcimonia os dinheiros do Estado e das subscrições públicas, e, há falta de mapas elucidatórios de despesa, somos forçados a acreditar na utilização do dinheiro para seu gasto próprio, não falando já no que ele deve ainda aos desgraçados dos mestres que lhe prestaram serviços

nem naquêlo que pediu aos argentários da terra com a promessa de restituição—possam eles vir agora negar.

Não será roubo, mas devem existir «desvios» que são quasi a mesma cousa.

¿S. Ex.ª o sr. Alfredo Guimarães tem uma consorte rica? Remediada, talvez. Mas, apesar disso, como se explica este silêncio profundo sobre contas e porque se nega a passar recibo daquêles *pinfe e tantos contos* que lhe foram entregues pelo tesoureiro da Comissão Angariadora de fundos para a compra das estantes!?

Sim, porque não o fez imediatamente S. Ex.ª e não veio a publico dizer do destino dado a êsse dinheiro?!

Que há engulho ao citar estas coisas, não resta dúvida alguma.

TÉCNICA

Voltando ao espírito técnico que tem orientado tal *restaurador*, já aqui se provou que o sr. Alfredo Guimarães é uma autêntica nulidade. *Contribuiu para o desmoronamento da cornija, fez um assentamento irregular do travajamento sobre a cachorrada interior, partiu pedras tumulares, fez a barragem duma janela que o acaso descobriu*, e, torcendo a verdade histórica daquêlo claustro, *fez incrustar braços vários pelas paredes do lado das capelas!*

¿Que será preciso mais para demonstrar da incompetência do famoso *arqueólogo* que veio a Guimarães cravar tudo e todos, que demoliu o que o tempo não conseguira, que calçou sagrados direitos e que não poupou com suas diatribes e insultos as maiores capacidades intelectuais e artísticas da nossa terra e honrados cavalheiros (com vista aos Ex.ªs Srs. Dr. Eduardo de Almeida, José Luis de Pina, Abel Cardozo, Capitão Luis de Pina, Dr. Mariano Felgueiras, Dr. José Pinto Rodrigues, L. Coelho, Ber-

nardino Jordão e Francisco Martins)?

¿Que será preciso mais para se verificar o escândalo, do que aquela scena ocorrida com o serralheiro José Alves Pinlo em que bateram e se esmurraram a meias?

¿Que será preciso mais para se reconhecer a fraude, do que o depolimento dos mestres junto do sr. Ministro do Comércio, Dr. João Antunes Guimarães?

EX.ª SR. BALTAZAR DE CASTRO:

V. Ex.ª é a unica pessoa com poderes plenos para pôr termo á *chanço* do sr. Alfredo Guimarães. Ordene V. Ex.ª uma sindicância *comme il faut* e verificará que tudo o que temos dito é a expressão da verdade. As irregularidades devem ser tremendas, embora o bamboleante «calceiteiro» procure atabalhoadamente fazer contas do... conto do vigário.

Em nossa terra há quem o substitua, e com vantagem.

Faça V. Ex.ª um rigoroso inquérito e nós lhe testemunharemos a nossa gratidão.

Miguel Ribeiro Guimarães Júnior

No dia 23 do corrente, faleceu nas Taipas, com 13 meses de idade, vitimado por uma meningite.

Era filho da Sra.ª D. Maria da Conceição Teixeira Machado Mendes e do falecido republicano Miguel Ribeiro Guimarães.

No funeral que se realizou no dia 24, recorda-nos ter visto:

De Braga—O Sr. Antonio Coelho Marinhas.

De Guimarães—Os Srs. Antonio de Jesus Teixeira, José Fernandes Guimarães, Braulio Carneiro, Francisco Gonçalves da Cunha, Augusto Mendes, Tenente Cruz, Alferes Guerreiro, José Joaquim Pereira da Costa, Horácio Barreiros, Bento Ferreira da Cunha, Eduardo Jordão, Manuel Vaz da Costa Marques, Pedro de Freitas, Antonio Fernandes de Freitas e José Ferreira da Silva.

Das Taipas—Os Srs. João Baptista Sampaio, José Ferreira Guimarães, Francisco Pereira Silveiro, Francisco da Silva Braga, Abilio da Costa Menezes, José Chaves Braga, Manuel José Pereira e José da Silva Mendes.

Fechou o caixão, o sr. Antonio de Jesus Teixeira, como íntimo da família.

A' mãe desolada os nossos cumprimentos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Coito de critérios não avessos

Por L. COELHO

I

(Continuação)

O quadro apresentava-se com tintas carregadas, sombrio como as telas de Hans Holbein, o autor celebrado da Dança Macabra, e a miséria da Nação subia cada vez mais de ponto, como no-lo revelava o historiador Luiz Soriano nas passagens que aqui deixo transcritas:

«o atraso dos pagamentos ás classes civis e militares progredia, o comércio tornava-se cada vez mais mesquinho, a agricultura caminha para a sua total decadência, porque a entrada dos cereais estrangeiros, que era forçoso admitir, vendendo-se mais baratos que os do país, fazia com que o lavrador nacional abandonasse o amanho das suas próprias terras, pela impossibilidade de poder concorrer com os seus géneros no mercado, em competência com os que vinham de fóra.

«Desde 1815, o ágio do papel moeda passára de 15 a 20 por cento de desconto, e, ainda assimmesmo, a oferta era maior escala que a procura. A moeda de ouro, considerada como mercadoria, buscava-se para exportação, em razão dos lucros que oferecia ao comércio, pelo subido estado dos câmbios com algumas praças estrangeiras, para as quais se levaram os metais preciosos do cunho português. Esta operação consistia em avultados saques de letras de câmbio, vindas em grande copia pelos paquêtes de Inglaterra sobre as casas de comércio em Lisboa. Aceitas estas letras, eram imediatamente descontadas, realisando-se o seu pagamento em prata e papel moeda, sendo este imediatamente trocado a prata, e toda esta depois em ouro, particularmente o do cunho de 68400 réis, chamado vulgarmente peças, as quais em grande copia se exportavam, sendo tal a vantagem do estado do câmbio, que no fim de todas estas transacções ainda se lucrava, não obstante o primeiro desconto da importância numérica das letras, depois do qual vinha o segundo na parte do papel trocado a prata, e por fim o terceiro ou o da redução da moeda de prata a moeda de ouro, resultando de tudo isto ser grandissimo o número dos concorrentes a vender papel e muito limitado o dos compradores, acrecendo mais por esta mesma causa buscarem-se as peças ao prêmio de 200 réis, acima do seu valor legal, e as patacas hespanhólas por 5 réis mais do que o preço por que giravam no reino.

«Em circunstâncias tais, a miséria pública manifestava-se a olhos vistos por toda a parte do país. Os roubos e as profanações das igrejas, especialmente nas províncias do Minho e da Beira, subiram a 75, sendo 36 no ano de 1818, e a 59 no primeiro semestre de 1819, isto além de 11 que foram assaltadas, cometendo-se em muitas de aquellas horribes desactos contra as sagradas fórmulas. Os roubos das estradas eram em tão grande numero que, para conhecer tanto d'aquelles como d'estes crimes, tinham os governadores do reino estabelecido uma comissão na casa da supplicação de Lisboa e outra na da relação do Porto, destinadas ambas a conhecer dos citados crimes, praticados nos seus respectivos distritos.

Deduz-se e conclue-se, pois, que a salvação do país, como

Aquilino Ribeiro

Recebemos a ultima obra deste consagrado escritor intitulada «O homem que matou o diabo» a que toda a imprensa tem feito largas e merecidas referencias, e que muito agradecemos.

Nas colunas do nosso jornal, temos inserido diversos trechos desta bela obra, que põe os nossos leitores mais ao corrente da sua importancia do que todas as nossas despretençiosas palavras de lisonja.

O triunfo que todas as obras de Aquilino Ribeiro, tem alcançado, dispensa os nossos humildes elogios.

O que todos devem saber do cancro

Lendo com mais atenção o interessante folheto que o Instituto Português para o estudo do cancro, com sede em Palhavã—Lisboa, teve a gentileza de ofertar-nos, radicou-se profundamente no nosso espirito a opinião, já transmitida aos leitores deste jornal no último numero, de que a sua aquisição é muito útil a todas as pessoas, doentes ou sãs. Através da sua leitura, ficamos conhecedores dos sintomas dessa terrível doença e dos cuidados que devemos ter para evitar o nosso desenvolvimento.

O cancro é, infelizmente, um dos maiores males que afligem a humanidade, porque vem, acompanhado quasi sempre de dores, que martirizam, e, quando descoberto, de deformidades que impressionam. Embora se não conheçam todas as causas da doença, sabe-se que ela tem grande predilecção pelas pessoas idosas para cima dos 35 anos, e estão averiguadas muitas das circumstancias que concorrem para a sua expansão.

O tratamento feito desde o início da sua aparição conduz, a maior parte das vezes, á cura, conhecimento este de capital importancia, porque atenua, de uma forma extraordinária os seus malefícios.

Achamos, pois, de toda a utilidade campanhas desta indole, não só contra o cancro, mas tambem contra a tuberculose—outro flagello que tanto dizima o povo português—a sífilis e o alcoolismo.

A vulgarização de conhecimentos acerca destas doenças há-de, necessariamente conduzir á redução do seu poder difusivo e da letalidade, o que nos permitirá então acompanhar o progresso das nações mais civilizadas, que, por ora, em matéria de salubridade, olham altamente para nós.

Reiteramos os nossos agradecimentos ao Instituto Português de Oncologia.

diz Fernando Mendes na sua História Contemporânea de Portugal, «não estava nas perseguições des maçons e da imprensa liberal».

N. do A.—No meu último artigo os pensamentos e 1.º período saíram falhos e rapados, mas não devem atribuir-me a culpa. A linhas 35-36 deve ler-se «a atravessar» e não a atravessarem.

